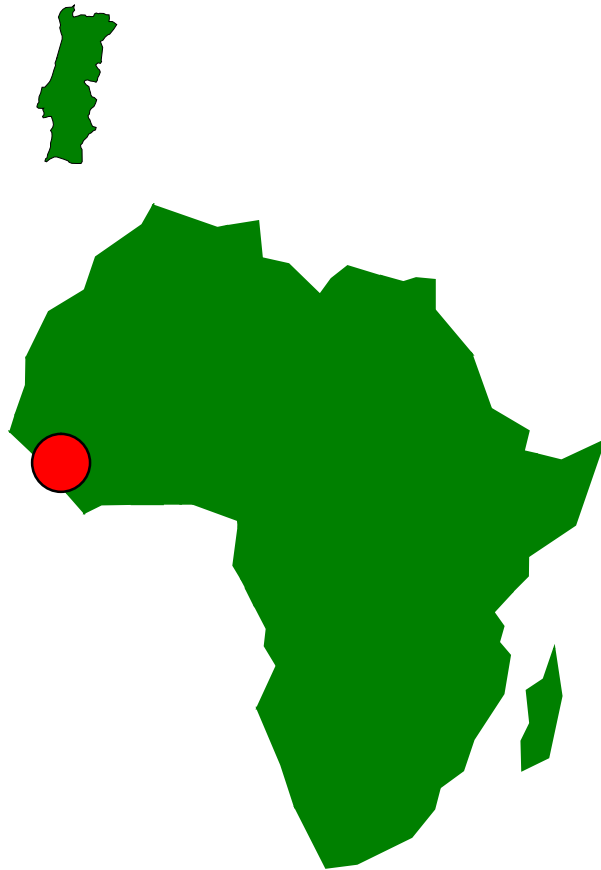


GUINÉ - OPERAÇÃO GUIDAGE

CONSIDERANDOS SOBRE UM RELATÓRIO



António Vaz Antunes
(Coronel de Infantaria)

***E AQUELES QUE POR OBRAS VALEROSAS
SE VÃO DA LEI DA MORTE LIBERTANDO:
CANTANDO ESPALHAREI POR TODA PARTE
SE A TANTO ME AJUDAR O ENGENHO E ARTE***

1. FARIM

Em 1973 *Farim* era ainda uma povoação que nada beneficiava dos programas de progresso já sensíveis em todas as sedes de administração e postos administrativos da Guiné. Os novos aldeamentos - airosos, confortáveis, adaptados às aspirações das populações - já tinham dado a tal nota de progresso em *Jumbembem*, *Canjabari* e sobretudo *Cuntima*. Mas *Farim*, sede de administração e de comando do Sector, ponto de passagem obrigatória para a circulação de pessoas e bens para aquelas povoações, tinha apenas visto chegar o asfalto, vindo de *Bissau*, à margem oposta do Rio (*Saliquinhedim* ou *K*) mas continuava a ligar-se a esta artéria por uma jangada antiquíssima, accionada por jangadeiros corajosos e voluntariosos que, com o apoio dos mecânicos do Batalhão chefiados pelo 1º Sargento Carvalho, lá iam resolvendo as frequentes avarias e incidentes.

Do ponto de vista operacional o Sector de *Farim* era esgotante. Não tinha inimigo instalado na área, mas era atravessado pelo corredor de *Lamel* que ligava as bases do PAIGC no Senegal às de *Bricama* e *Canjambari*; por outro lado cabia ao Sector garantir a recolha e transporte de cibes, que eram cortados nas matas de *Binta* e se destinavam aos inúmeros aldeamentos em construção por toda a Guiné; além disso, havia que garantir a segurança às colunas de reabastecimento e de movimento de pessoal quer entre *Bissau* e *Farim* quer a partir de *Farim* para *Jubembem*, *Cuntima*, e *Canjabari*, situadas a leste, e para *Binta* e *Guidage*, a oeste; por outro lado havia a protecção ao pessoal nos trabalhos agrícolas e a segurança afastada dos meios populacionais que, por força do alcance dos mísseis - único meio utilizado pelo PAIGC na flagelação às povoações do Sector por recear vir mais próximo - tinha que ser lançada a 8-10 Km das povoações, todas as noites, em mais que uma direcção.

Graças ao esforço desenvolvido, a segurança no Sector ia aumentando. Com ela também a confiança das populações, testemunhadas no alargamento das áreas de cultivo e numa maior movimentação entre povoações e nas visitas de senegaleses a *Cuntima* para beneficiarem de assistência sanitária que ali se prestava a todos.

Todavia, repete-se, esta melhoria da situação resultava do grande esforço dos militares e das milícias. Mas à medida que a situação melhorava... os efectivos dos primeiros iam sendo reduzidos, não permitindo nem uma folga mais retemperadora, nem, muito menos, o lançamento de acções novas que alargassem essa área de segurança que, no nosso entender, se conseguiria ocupando com uma Companhia a zona de confluência do Rio *Lamel* com o Rio *Farim*, ponto de passagem preferencial das colunas inimigas para a *Bricama* e *Canjambari*.

2. O COP3 (COMANDO OPERACIONAL 3)

Enquanto isto, o PAIGC intensificou acções no Sul e no COP3 (*Bigene*). Neste último, em curto espaço de tempo abateu dois *Dornier*, ao que parece com o *Strela*, míssil terra-ar ligeiro.

Num desses *Dornier* viajava o Comandante do COP, Major Mariz. O outro era pilotado pelo Capitão Mantovani, cujo espírito de missão e de camaradagem já havia apreciado em 1967 em *Valadim* (Moçambique).

Os COP da Guiné tinham uma organização variável, com um comando muito reduzido, afecto apenas a actividades operacionais.

Com o acidente acima referido, o COP3 ficou sem comando e assim se manteve por muito tempo.

Entretanto em *Guidage*, povoação fronteiriça pertencente ao COP3, guarnecida por uma Companhia do recrutamento da província, *Mandinga*, comandada por um Capitão Miliciano Graduado, intensificavam-se progressivamente os incidentes. Numa mina morreu o 1º Sargento que a quiz levantar e que já não pôde continuar a responder pela Companhia. O outro 1º Sargento da Companhia morreu também num dos acidentes aéreos atrás referidos. As flagelações foram aumentando de ritmo, intensidade e eficácia.

O COP não funcionava e no QG não se tomavam medidas.

Em face das dificuldades no campo administrativo, por falta dos dois 1ºs Sargentos, o Comandante da Companhia, Capitão Miliciano Graduado Freitas, natural da Madeira, chamou para *Guidage* um seu Sargento destacado em *Binta* para efeitos de ligação de carácter logístico.

Mas a situação administrativa da Companhia era pouco clara e a intensificação das flagelações viera perturbar bruscamente uma Companhia sem experiência de combate, habituada a um convívio com população civil quer guineense quer senegalesa que não deixava prever, ao pessoal subordinado, uma viragem assim.

Por isso, e pela falta de enquadramento administrativo, o pessoal foi sendo afectado, moral e psicologicamente.

3. MENSAGEM ESTRANHA... MISSÃO FALHADA

Era este o quadro quando fui surpreendido, no dia 7 de Maio de 1973, por uma mensagem do Comando Chefe, *em claro*, que me comunicava que ia chegar a *Farim* nesse dia, cerca das 12.00 horas, um avião *Nordatlas*, com carregamento de géneros e munições que eu devia fazer chegar ainda nesse dia a *Guidage*.

Mensagem deste teor, *em claro*, e com grau de precedência *ralâmpago* sugeriu-me da extrema urgência que o Quartel General punha no cumprimento de tal missão, mas deixou-me verdadeiramente apreensivo por se ter comprometido tão gravemente a segurança de uma coluna com a importância que esta tinha.

A preocupação de socorrer uma unidade vizinha que deveria estar em apuros eliminou de imediato a hipótese de pedir explicações ou levantar dificuldades.

Reuniram-se as forças disponíveis - um Grupo de Combate comandado pelo Alferes Miliciano Matias - ordenou-se a picagem do itinerário até ao limite do Sector; prepararam-se as viaturas na pista para a carga, determinou-se a *Binta* que reforçasse o Grupo de Combate a partir de *Binta* e até ao limite do Sector e contactou-se *Guidage* para abrir o itinerário na sua zona de acção e reforçar o Grupo de Combate do Alferes Matias.

Guidage aceitou a proposta e garantiu que estaria uma força sua no limite do Sector para acompanhar a coluna.

Terminadas estas diligências foi dado conhecimento ao Comando Chefe dos procedimentos adoptados.

Entretanto, o cargueiro apenas chegou às 14.00 horas. A coluna só pôde sair de *Farim* às 15.00 horas. Em face disso, e porque às 17.00 horas caía a noite que tornava as ligações rádio praticamente impossíveis, anotei na missão do Alferes Matias que só sairia de *Binta* para *Guidage* se o pudesse fazer antes da 16.00 horas e só quando tivesse garantido que podia contar, de facto, com o reforço de *Guidage*.

Porque tais condições foram satisfeitas, a coluna saía de *Binta* pouco antes da 16.00 horas, agora com a referida Secção do destacamento local em reforço.

O percurso foi-se fazendo sem incidentes. No PC em *Farim* eu acompanhava o andamento da coluna; porém a partir das 17.00 horas a ligação começou a faltar progressiva e rapidamente, até se extinguir. Contudo, ainda permitiu saber que a coluna tinha transposto o limite e que a força de *Guidage* devia estar muito próxima, o que era já tranquilizante.

No entanto, já noite, ouviu-se um reboamento ao longe, a leste. Incidente com a coluna? Flagelação a *Guidage* ou a *Bigene*? Ou a *Binta*? A deficiente ligação rádio não nos permitiu esclarecer. A tranquilidade foi substituída pela dúvida... a preocupação... a insónia.

Só às 05.00 horas do dia seguinte foi possível o contacto.

Com grande surpresa, ao falar com o Alferes Matias pessoalmente pelo rádio soube que ainda estava na picada, no lugar de onde tinha dado as últimas notícias na véspera; que a força de *Guidage* ainda não tinha chegado; mas que estava tudo bem.

Este diálogo foi interrompido pelo matraquear das armas automáticas. Mas pouco depois, por insistência minha, o Alferes Matias pormenorizou: *Sim o pessoal estava bem; estavam a ser cercados nessa altura, ao amanhecer; tal como tinha comunicado na véspera, uma viatura tinha accionado uma mina; era a viatura em que ele seguia, e que, como consequência, lhe parecia que tinha partido uma perna; mas que o pessoal estava com bom moral e aguardava a chega da força do Guidage.*

O Alferes Matias, um dos muitos heróis desconhecidos, escondido na sua humildade!!! Tudo estava bem!!!

Para mim, porém, tudo estava muito mal.

- *Guidage não tinha ido porquê?*

Já não iria tão cedo.

- *Socorrer donde e com quê?*

Decidi:

- *De Binta com todas as forças disponíveis (não seria mais que uma Secção reforçada); de Farim com um Grupo de Combate da Companhia de Caçadores 14, (recrutamento da província, mandinga, com boa experiência de combate) que havia regressado durante a noite de um patrulhamento.*

É o Alferes Santos que comanda e segue também para *Binta*, por via fluvial, o Capitão Beato, meu oficial de operações, único capitão de que dispunha, para assumir localmente o comando das forças.

Tudo se preparou e movimentou às primeiras horas da manhã.

Enquanto isto, os restantes Grupos de Combate da Companhia de Caçadores 14 montavam segurança à coluna semanal de reabastecimento que de *Bissau* vinha a *Farim*.

Cerca das 09.00 horas apresentou-se-me o Alferes Rocha, um jovem que eu deixara em Mafra, número um do último tirocínio. Estava a estagiar na Guiné, numa Companhia de Comandos e vinha em escolta à coluna, com um *bi-grupo*.

- *Que é isso?* (Eu conhecia a designação na organização do inimigo)

- *É...* (e lá explicou).

Ao fim e ao cabo era um Grupo de Combate articulado em duas Secções ligeiramente reforçadas...

Entretanto a ligação rádio com a coluna do Alferes Matias extinguiu-se. Com *Binta* ou com *Guidage* não conseguia obter-se. A ansiedade aumentava a cada momento que passava.

Estavam em marcha para o local todos os meios disponíveis. A força que restava em *Farim* era a Companhia de milícias, um Pelotão de morteiros 81 e o Pelotão *Daimler* (ambos reduzidos) e mesmo estas forças tinham missões não só de segurança local, muito aligeirada, mas na segurança e abertura do itinerário *Farim-Binta*.

4. NOVA MISSÃO

Cerca do meio-dia chegou, de avião, em uniforme camuflado e de pistola à cintura, o Brigadeiro Leitão Marques, adjunto do Comandante-Chefe.

Pelo rosto carregado percebi que vinha em missão que tinha que fazer esquecer a amizade que nos unia.

Sóbrio nos cumprimentos, deu-me a ler uma ordem escrita:

O Sector de Farim organiza imediatamente nova coluna de reabastecimento a Guidage, que transportará a carga que irá chegar noutra Nordatlas. A coluna será comandada pelo Comandante do Sector. Não conta com apoio aéreo.

- *Outra coluna? Mas...*

- *A que seguiu ontem perdeu-se totalmente. O pessoal da escolta abandonou-a e retirou para Binta. A Força Aérea destruiu as viaturas na picada. Algumas estavam já incendiadas. Foi um desastre... Não sabia?*

- *Não.*

E relatei quanto conhecia mostrando estranheza por ter mais notícias do que eu.

- *Foi a Força Aérea que o comunicou.*

- *Pois eu nem sabia da intervenção da Força Aérea o que... também é estranho. Emudeci. Em segundos fiz o estudo de situação, esforcei-me por me manter calmo, reli a ordem escrita.*

- *Parece-me que esta ordem tem o caracter de castigo a menino de escola que se portou mal. Mas não há tempo para discutir isso que, face à situação do meu pessoal na coluna e ao pessoal do Guidage, é secundaríssimo. O nosso General confunde um Coronel com um Capitão sublinhado. Eu irei comandar a coluna que o meu Brigadeiro vai fazer o favor de organizar.*

- *De maneira nenhuma. Você é o Comandante do Sector, vai comandar a coluna, conhece os meios de que dispõe - é portanto quem tem que organizar esses meios.*

- *Mas as duas ordens que eu recebi fazem-me supôr que o Comando Chefe julga que eu não sei o que tenho, porque se acreditasse nas informações que tenho prestado, facilmente perceberia que as missões que me atribuíram não são exequíveis com um mínimo de garantia de êxito. Se deram as ordens é porque as julgam exequíveis, e portanto os dados que eu tenho comunicado não são tomados com certos.*

- *Mas então...*

- *Sou peremptório meu Brigadeiro: comandarei a coluna que V. Exa organizar.*

Feito o apanhado dos meios concluiu-se que apenas podia reunir:

- Um Grupo de Combate eventual em *Cuntima* (uma Companhia indígena, só de soldados; o Comandante da Companhia era o Soldado Sitafá) que só poderia estar em *Farim* no dia seguinte.
- Um Grupo de Combate da Companhia de Caçadores 14, a recolher depois da coluna de reabastecimento de *Bissau* regressar.
- Algumas viaturas pesadas.

- *Mas isto não chega!!! E é preciso fazer a coluna ainda hoje!*

- *Sim meu Brigadeiro.*

Depois de consultar *Bissau*, o Brigadeiro Leitão Marques pôs à minha disposição a coluna de reabastecimento que tinha chegado nessa manhã a *Farim*, vinda de *Bissau*: viaturas e escolta.

Fica assim o meu Sector reforçado com 15 viaturas pesadas e... o tal *bi-grupo* do Alferes Rocha.

Transmito ordens ao Capitão Beato, em *Binta*, para reunir as forças intervenientes nos acontecimentos da véspera e dessa manhã, com vista a aproveitar o máximo para a nova coluna a *Guidage*.

Convoco um Grupo de Combate de *Cuntima*. O Capitão Vale, Comandante da 3ª./BCaç 4512, designou um dos Pelotões da Companhia Eventual. O Comandante desta, o Soldado Sitafá, quiz acompanhar o Pelotão, que já chegou a *Farim* depois da meia-noite.

Integro na coluna mais uma Secção de morteiros 81, cujas armas são preparadas para poder actuar montadas nas viaturas; e como elementos de comando seguem também:

- O Alferes Miliciano Costa, oficial de transmissões;
- Um Posto de Rádio accionado pelo Soldado Meireles;
- O Furriel enfermeiro Fernandes com uma equipa;
- Como ordenança, o 1º Cabo Neves.

Durante essa tarde e a noite a azáfama foi constante: transferir a carga do avião para as viaturas, organizar a coluna, picar o itinerário e organizar a segurança de modo que, devendo a coluna sair ao alvorecer, pudesse chegar a *Binta* o mais rapidamente possível.

Já era noite alta quando repousei um pouco, para voltar a estar a pé às 04.00 horas.

Entretanto ainda tive que impedir uma intervenção do Tenente médico Carvalho que pretendia opôr-se à minha integração na coluna visto estar a convalescer dum forte ataque de paludismo que me tinha atingido três dias antes.

Do seu ponto de vista entendia, como dever imperioso de consciência, dar disso ao menos conhecimento ao Brigadeiro Leitão Marques, mas consegui convencê-lo a que o não fizesse.

Binta, entretanto, previne que, dados os incidentes, não consegue guias para a coluna.

Convoco o Mamadu, o ex-Régulo de *Binta* que está ocasionalmente em *Farim*, que tem extraordinário prestígio no seu *chão* (o que não impediu que maquinações indecifráveis o tivessem afastado do cargo que lhe pertencia por direito). Propôs-se ir comigo até *Binta* e que lá obteríamos os guias que eu quizesse.

5. HERÓIS DESCONHECIDOS

Cerca das 06.30 horas a coluna atingia *Binta*.

É ali que tomo conhecimento pormenorizado do que se passara na véspera.

Tal como lhe tinha ordenado, o Alferes Matias só partiu para *Guidage* quando dali obteve a confirmação de que de lá saíra uma força ao seu encontro: picaria a estrada e reforçaria a escolta à coluna.

Chegado ao limite do Sector, *Guidage* informa que a referida força não estaria a mais de um quilómetro da coluna. Porque se aproximava a noite, o Alferes Matias manda recolher a *Binta* a Secção que dali levara em reforço, e continua a progressão. Cerca de dois quilómetros à frente a primeira viatura accionou uma mina que não fora detectada, como consequência da já insuficiente visibilidade.

A viatura fica inoperativa e o Alferes Matias é projectado e sofre fractura de uma perna.

As comunicações rádio já não eram possíveis. Como consequência o Comandante da coluna decide instalar-se defensivamente e, apesar de diminuído, dá instruções para a organização da segurança. Aguarda a chegada da força de *Guidage* e o amanhecer. Aquelas horas que se seguiram foram muito longas.

A força de *Guidage* não chegou; a madrugada sim, mas trouxe com ela o inimigo que, apercebendo-se do que se passava, montara cerco durante a noite e preparava o ataque à coluna imobilizada.

Trava-se um combate renhido. São vários os actos individuais reveladores de coragem e valor do pessoal. Dentre todos destaca-se o Soldado condutor auto José Ribeiro que, calma e serenamente, ao lado da sua viatura, protegido por uma

árvore, em fogo ajustado, de espingarda, tiro a tiro, ía abatendo todos os elementos inimigos que pretendiam ir ao assalto por aquele caminho desenhado.

Esgotadas as munições da dotação individual recorre-se às que íam na coluna até que se esgotam.

Uma granada de *RPG* incendeiava uma das viaturas.

Apercebendo-se da sua impotência perante um inimigo que cresce, apesar das dezenas de baixas sofridas, o Alferes Matias ordena que o pessoal rompa o cerco e retire para *Binta*, sob o comando dum Furriel. Não havia mais a fazer. Nesta altura, porém, chega ao local uma Secção de *Binta*, que para ali seguira à minha ordem. A sua aproximação facilitou a ruptura do cerco.

O pessoal da escolta expõe o que se passa ao Furriel Oliveira e Castro, Comandante daquela Secção de *Binta*.

- *E o nosso Alferes Matias?*

- *Está lá, com uma perna partida; não quer vir para não prejudicar a nossa retirada.*

- *Tu com essa metralhadora, faz fogo para ali, para me protegeres.*

E o Furriel Castro dirigiu-se ao local onde está o Alferes Matias, carrega-o às costas e retira-o daquele inferno!

Vários heróis desconhecidos!

Entretanto em *Bissau*, no Comando Chefe, corria que a coluna se perdera por... *tibieza* do Alferes Matias!!!

Um inquérito nascido dessa convicção, elaborado pelo Coronel Octávio Pimentel, repôs a verdade, e assim... a inveja, o despeito... , quiçá a subversão interna - tão patente nos quartéis gerais - foram finalmente vencidos e o suposto *cobarde* Alferes Matias foi condecorado com a Cruz de Guerra.

6. INFANTARIA E CAVALARIA: PERTINÁCIA E AUDÁCIA

Á chegada a *Binta* tive também conhecimento de que não tardaria a chegar um lancha de desembarque que traria a bordo o Tenente Coronel Correia Campos, novo Comandante do COP3, que seguiria na coluna para *Guidage*.

Para não perder tempo, designei o Capitão Beato para comandar os efectivos disponíveis em *Binta* (que eram todos os que já haviam tomado parte na frustada coluna da ante-véspera) mais os que vinham a integrar a coluna que eu formara excepto o já referido bi-grupo de comandos.

A missão que atribuí ao Capitão Beato foi a seguinte:

- Abrir o itinerário para *Guidage* fazendo a picagem;
- Montar a segurança à coluna e ao grupo de picagem na frente e nos flancos, impedindo ao inimigo a observação do compartimento do terreno onde marchava a coluna: portanto afastado da picada, com ligação à vista até à maior distância possível;
- Iniciar desde já a acção: a coluna de viaturas teria assim possibilidade de movimentar-se normalmente até chegar ao contacto com o seu escalão.

Entretanto o régulo Mamadu apresentou-se-me com quatro guias. Destaquei dois para o Capitão Beato e fiquei com os outros dois no Comando.

O Tenente Coronel Correia Campos entendia que dirigindo-se a coluna para *Guidage*, em missão de reabastecimento do ao seu Sector, deveria ser ele a comandá-la e que eu poderia ficar em *Binta*.

- Compreendo a sua proposta, - disse-lhe - mas recebi uma ordem clara e precisa que vou cumprir. Tenho muito gosto na sua companhia, e porque conhece a área já de longa presença anterior aqui, agradeço-lhe que me indique os pontos sensíveis ou áreas mais difíceis e dê a sua opinião sobre a melhor articulação dos meios.

- Bem, o mais difícil é a passagem do Cufeu (apontou, na carta, o rio, sensivelmente a meio caminho). E o melhor é fazer avançar a equipa de picagem até Guidage; a coluna auto arrancará depois... para fazer o caminho (cerca de 20 Km) numa só etapa, a toda a velocidade.

- Aí está uma solução tipicamente “cavaleira”. Desculpe, mas eu não acredito que, na situação actual, a coluna, sem segurança imediata, possa atingir Guidage.

- Quer então ir a passo? Vamos demorar imenso tempo!

- Pois vamos, mas vamos chegar a Guidage, se Deus quiser.

- Não concordo, mas o meu Coronel é o Comandante da coluna...

E pusémo-nos em marcha.

O Capitão Beato, que ía informando do andamento do seu escalão, estava já próximo do local onde, na véspera, se tinha dado o acidente com a coluna.

Estávamos já quase a alcançá-lo quando me informou de que tinha atingido o local referido, mas que a picada estava cortada com abatizes por centenas de metros.

- É possível contornar?

- Julgo que sim.

- *Balize o itinerário por dentro da mata. Não autorize que se aproximem dos abatizes.*

Pouco depois informava que tinha sido observado, junto dos abatizes, um sistema de fios eléctricos que deveria constituir uma armadilha. Referi-lhe que não deixasse mecher e que se limitasse a referenciar todos os pontos suspeitos do género.

Tínhamos ultrapassado já o limite que separava o Sector de *Farim* do COP3. A coluna de viaturas tinha atingido o escalão de abertura do itinerário e integrava-se no seu seio.

Admiti que não tardasse o primeiro ataque à coluna.

Nessa altura o dispositivo era o seguinte:

- Um Grupo de Combate desenvolvido em flecha em segurança à frente;
- Um Grupo de Combate em cada flanco, em coluna por um, a cerca de cem metros da coluna;
- Sobre a picada, o grupo de picagem e a coluna com a seguinte articulação:
 - Viaturas do Comando;
 - Viaturas com a Secção de morteiros;
 - Restantes viaturas de carga com um destacamento de enfermagem na última;
 - Duas viaturas *Unimog* com o bi-grupo de comandos que fazia a segurança à retaguarda e constituía a minha reserva de intervenção.

O Capitão Beato comandava todo o pessoal apeado (picagem e segurança à frente e dos flancos).

Os restantes efectivos estavam sob o meu comando directo.

Os Grupos de Combate tinham efectivo variável, entre 15 e 20 elementos apenas.

Aproximamo-nos do *Cufeu*.

Apareceram mais abatizes, que foram contornados, e sinais visíveis de presença inimiga recente na área: o número de pegadas nítidas aumentava cada vez mais, atravessando a picada ora num sentido ora noutro.

Entretanto ouviram-se várias detonações à distância. Seria mais uma flagelação a *Guidage*? Ou recontros com eventuais forças de lá que viessem ao nosso encontro?

Da frente o Capitão Beato informa que atingiu o *Cufeu*. Ordenei que instalasse as suas forças em segurança. Nesta altura um Soldado do bi-grupo de Comandos, que trazia consigo uma corneta e vinha evidenciando do antecedente boa disposição, deslocando-se a pé entre a picagem e o seu grupo em missão de esclarecedor que a si próprio se impusera, pisou uma mina colocada na crista do centro da picada,

fora do trilho. Foi o primeiro a exigir intervenção da equipa de enfermagem, e o primeiro a sofrer a acção directa do inimigo.

7. DEDICAÇÃO

Apeei da viatura para ir à frente reconhecer a passagem do *Cufeu*.

Mal tinha andado uns metros, sinto ser agarrado fortemente pelo ombro. Virei-me. Era o radiotelefonista, o Soldado Meireles, pai de dois filhos, o melhor operador de rádio do Batalhão:

- *O meu Comandante não viu o que aconteceu ainda agora ao Soldado dos comandos?*

- *Sim, mas...*

- *Venha atrás de mim, e ponha os pés onde eu os tiver posto.*

Rendi-me em homenagem à generosidade e coragem do Soldado português. Apeteceu-me ser homem de lágrimas e verter uma por gratidão. Não chorei. Rezei!

8. O CUFEU

Na frente observei, com o Capitão Beato, o compartimento de terreno onde corria o *Cufeu* - um ribeiro - , atravessado por um pontão de madeira. Espantou-me que este não estivesse destruído (para quê então os abatizes na picada?).

E também não parecia armadilhado.

A acompanhar o ribeiro estendia-se a bolanha e a atravessar esta, em aterro pouco elevado, corria a picada, num troço recto de cerca de 300 m. Para lá da bolanha era a mata, mais densa que a da margem onde nos encontrávamos. Dentro da mata... a incógnita, mas muito provavelmente o inimigo aí emboscado, esperando apanhar a coluna no troço da picada sobre a bolanha, sem hipótese de evolução.

A decisão não tardou: instalação de uma base de fogos, lançamento do bi-grupo de comandos, em duas direcções de ataque paralelas, a um lado e outro da picada, por lanços alternados, para ocupar uma testa no outro lado. Não se fez preparação por se não ter reconhecido nenhuma posição inimiga, mas apenas 3 ou 4 granadas de morteiro 60, sobre o objectivo, no momento de lançamento do bi-grupo.

Nova surpresa: o bi-grupo alcançou o objectivo, a coluna de viaturas passou a bolanha o mais velozmente que pode, sem reacção!

Retoma-se o dispositivo anterior, e de novo surgem abatizes.

Um Soldado furtou-se à vigilância do seu graduado e aproximou-se dum dos abatizes. Não se pode saber porque o fez: ouviu-se uma explosão brutal. Após um rapidíssimo reconhecimento... encontrou-se o cadáver do Soldado, decapitado e um buraco no chão. Terá sido uma mina; por simpatia terá rebentado o dilagrama que o Soldado levava na arma, à altura da cabeça. Recolheu-se o cadáver e a todo o pessoal foi dado conhecimento do sucedido, para que não se repetisse a desobediência.

9. DISPOSITIVO QUE RESULTA

Os indícios de presença inimiga na área aumentam. Pelos rastros que cruzam a picada, muito frescos, nítidos, de quem passa a correr, dão a entender tratar-se de grupo numeroso que procura uma posição favorável, ora num lado ora doutro da picada.

Mas não se manifesta. Apenas pouco depois da coluna retomar a marcha se ouviu um rebentamento, a umas centenas de metros, do lado esquerdo, e não nos perturbou.

Nisto, o Alferes Costa, o oficial de transmissões que me acompanhava, informou-me que um posto da Força Aérea quer falar-me. Surpreendi-me com esta porque *não contava com apoio aéreo* nem era observado nenhum meio. No entanto era facto que, a grande altitude, um piloto me sobrevoava e me perguntava que rebentamento tinha sido aquele, se era provocado pelas nossas tropas ou não. Respondi-lhe que me pareceu ter sido uma granada de morteiro inimigo que caíra a umas centenas de metros no nosso flanco.

O piloto informou-me que tinha a mesma impressão, que tinha visto a saída da granada e que ía actuar sobre a origem; que prevenisse disso o pessoal da minha coluna.

Logo de seguida um avião pica lá para a esquerda, sobre a orla da mata. Já ele se perdera de novo nas alturas quando chegou até nós o som do rebentamento.

E a coluna continuava a sua marcha.

Pouco depois ouço detonações, lá longe, na frente, na direcção de *Guidage*.

Será mais uma flagelação?

Repetem-se as detonações.

Chamo o avião que não vejo nem pressinto. Mas ele atende de pronto e esclarece que se trata dum recontro entre um grupo de *Guidage* que vinha na picada, na nossa direcção, e um grupo inimigo.

Que procurava estabelecer contacto mas não o conseguia...

Estávamos a cerca de 10 Km de *Guidage*. O calor era muito, cerca das 16.00 horas, e a situação também aquecia.

Mais abatizes, mais contornos, mas a marcha, ao passo da picagem, continua.

Digo a passo, mas em cadência ordinária: realmente aqueles soldados da Companhia Eventual de *Cuntima*, eram exímios na prospecção do terreno.

Acreditávamos já que o inimigo apenas armadilhava os abatizes, mas que, por qualquer razão, não minava a picada nos troços que deixava livres.

Cerca das 17.00 horas atingíamos o local onde se tinha travado o recontro atrás referido. Nas imediações da picada cinco cadáveres, descarnados e sem roupa, que pareceram ser de elementos inimigos.

Nesse mesmo momento, uma chamada rádio do avião com uma mensagem pessoal:

- O maior de todos manda transmitir que é imperioso que a coluna atinja hoje Guidage, ainda que para isso seja necessário abandonar as viaturas.

Fiquei perplexo. A razão de ser da coluna era o reabastecimento de *Guidage* e agora admite-se que larguemos as viaturas?

Eram 17.00 horas e estávamos a cerca de 5 Km de *Guidage*. Havia ainda mais uma hora de sol. Depois era a noite com um crepúsculo muito curto.

Chamei junto de mim o Capitão Beato.

Dei-lhe conhecimento da ordem que recebera e resumi-lhe o rápido estudo da situação:

- Há, certamente, alteração da missão. O inimigo deve estar a ameaçar Guidage. Temos de acorrer em reforço. Faltam 5 Km. Até aqui veio o Grupo de lá. Deve ter feito a picagem. Não abandono as viaturas; antes me parece melhor montar nelas todo o pessoal e seguir já rapidamente para lá.

- Que lhe parece?

- Concordo inteiramente. Quer que ordene nesse sentido?

- Sim, e sem demoras.

Rápidamente atingimos *Guidage*. A coluna chegava ao destino sem ter sido interferida.

Estava cumprida a primeira parte da missão. A segunda - transportar os feridos e os doentes ali existentes para *Farim* - começava desde logo a ser preparada, em

segredo. Apenas aos oficiais eu dissera que a coluna devia regressar no dia seguinte de madrugada.

10. GUIDAGE

Guidage estava justamente encostada à linha de fronteira com o Senegal. Dum lado ficava o quartel, de edifícios novos, apropriados, com uma vedação simples à volta, sem impedimentos de observação de e para o exterior. Do outro o aldeamento, novo também, que era ocupado por cerca de 400 famílias.

Civis e militares conviviam em perfeita harmonia.

À chegada da coluna apareceu de imediato, à entrada do aquartelamento, um rapaz com calça de camuflado, camisola que se percebia tinha sido branca, em cabelo, barba crescida e parecia que empapado em lama resultante do suor e das poeiras.

Olhos encovados, sinais de quem não dormia havia muito tempo, mas sereno e senhor de si. Era o Capitão Miliciano Freitas, Comandante da Companhia.

Era difícil de perceber se estava alegre se angustiado. Resultava esta mistura incoerente de sentimentos do facto de estar presente - finalmente! - uma coluna de reabastecimentos, e, por outro lado, da falta de notícias do seu Grupo de Combate que tinha ido ao nosso encontro. Tinham acabado de chegar isolados, dois ou três soldados que referiam a dispersão do grupo logo após a emboscada que sofrera e a perda de alguns. E nós não satisfazíamos a sua ansiedade porque não conhecíamos mais que o que atrás se disse.

Mas não durou mais que alguns segundos esta troca de impressões.

- Meu Coronel, o alojamento do pessoal tem de ser nas valas, e as viaturas têm que ficar dispersas. E não pode haver demoras. Vai um Grupo de Combate para cada lado do quadrado. E as viaturas...

E lá disse como as desejava. E não se discutiu nada, porque não havia tempo para isso. Ainda disse ao Tenente Coronel Correia de Campos que preferia que a minha força ficasse fora do quartel, mas que, dada a urgência que o Capitão punha na disposição do pessoal, não ía nessa altura retardar a execução do seu plano. Ele melhor que nós conhecia a situação.

De facto, 40 minutos depois surge uma flagelação com morteiros e canhões sem recuo, mas sem consequências, por deficiência das pontarias do inimigo, mas também porque nesse breve espaço de 40 minutos se havia arrumado já o material e o pessoal: o desembarço posto pelo pessoal da coluna na execução do plano do Capitão Freitas e o modo disciplinado como tudo foi conduzido e realizado deixa a impressão de que todos os elementos estavam frescos - como se nenhum esforço tivessem realizado antes.

Quando quis retemperar o pessoal com uma terceira refeição quente, para que melhor se recuperar e poder fazer a marcha do regresso no dia seguinte nas melhores condições possíveis, fui informado de que não havia refeição feita, nem hipótese de a fazer: havia já cinco dias que se não fazia rancho na Companhia.

Dei instruções para que o pessoal usasse a ração de combate, mas que fossem guardadas duas rações de reserva por homem.

Pouco depois chegava ao Comando da Companhia um grupo de nativos, vindos do Senegal. Pertenciam a uma povoação vizinha e soube que eram considerados elementos amigos que prestavam informações úteis. Achei estranho a visita a um local que pouco antes tinha sido flagelado, mas... apenas podia constatar, dado que a minha competência de comando se limitava à coluna.

Antes de chegarem ao quartel tinham já contactado pessoal do aldeamento. Ali havia uns morteiros de 60, além de espingardas, distribuídas a civis tidos como de confiança. Esses morteiros 60 já tinham colaborado nos fogos de contra-flagelação desencadeados pelo Pelotão de Artilharia 10,5 e pelo Pelotão de Morteiros 81 que reforçavam a Companhia.

Mas à chegada dos visitantes e com base nas notícias dadas por estes no aldeamento, o responsável pelos morteiros 60 tinham feito mais umas granadas sobre um local referido pelas citadas notícias.

Achei despropositada aquela salva de morteiros fora de tempo e procurei esclarecer-me: cada base de fogos desencadeava a reacção independentemente, de acordo com o que lhe parecia serem as posições inimigas.

Decidi para mim que, enquanto os procedimentos fossem estes, não podia arriscar os meus soldados fora dos limites do aquartelamento, ao contrário do que antes tinha desejado.

Cerca das 20.00 horas sou convidado pelo Capitão Freitas para ir às dependências onde funcionava um pequeno bar - quase esgotado, onde apenas se servia groselha, que aliás era agradável e com a qual eu e o Capitão Beato nos dessedentávamos várias vezes.

Aguardava-nos ali o Régulo do aldeamento, que estava acompanhado dos *homens grandes* para agradecer a presença do *Comandante de Farim* que vinha, no seu entender, reforçar a Companhia de *Guidage* e, assim, garantir maior segurança para todos.

Não sabia o Régulo que partiríamos no dia seguinte - ou fingiu não sabê-lo.

Eu também o não esclareci. Preferi deixá-lo na esperança que denotava ou... na dúvida que intimamente admiti tivesse vindo tentar esclarecer.

A reunião foi curta e decorreu em ambiente jovial.

Pouco depois do Régulo se retirar, veio nova flagelação que se repetiria próximo da meia-noite. A pontaria melhorava, mas ainda sem consequências.

11. JOGOS ESCONDIDOS

Durante a noite, e o mais discretamente possível, foram-se fazendo os preparativos para o regresso a *Farim* que se iniciaria mal surgisse a madrugada. As viaturas mantinham-se nas áreas que lhes tinham sido destinadas mas manobravam e numeravam-se de modo a permitir a sua entrada na coluna, na altura própria e sem obrigar a paragens. Os feridos a transportar foram tratados de modo conveniente para o efeito.

Naturalmente mal se dormitou.

As flagelações e os trabalhos de organização da coluna não permitiram o sono reparador bem desejado e merecido.

Cerca das 04.30 horas eu e o Capitão Beato iniciamos a verificação de se tudo estava em ordem para que fosse exequível a ordem de iniciar a marcha às 05.00 horas como era meu desejo.

Quando para isso percorria o quartelamento, ao lusco fusco do crepúsculo, notei junto do edifício do Comando da Companhia, um ajuntamento de pessoas. Dirigi-me para lá para ver do que se tratava.

Era o pessoal da Companhia, desarmado. Discutiam com alguém que estava junto da parede. Sem ser notado aproximei-me e ouvi:

- *Nós não vai pegar mais na arma, se ficar aqui. Nós todos quer ir no coluna de Farim.*

- *Não, não pode ser. Coluna de Farim é de Farim; nós somos da Companhia de Guidage. Nossa missão é aqui.*

Reconheci a voz do Capitão Freitas. Estava encostado à parede e era envolvido por aquele mole de soldados pretos da sua Companhia que lhe repetiam, cada um à sua maneira, mas determinadamente, que não ficariam na companhia nas condições em que tinham estado, mesmo tendo vindo os reabastecimentos.

Entendia-se que por eles estava decidido: ou acompanhavam a coluna ou desertavam.

O Capitão Freitas esgotou os argumentos e tomou também a sua decisão:

- *Vós sois mais de cem. Eu, sozinho, não sou capaz de vos obrigar a ficar aqui a cumprir a vossa missão. Mas eu vou cumprir o meu dever: se quiserem ir embora, vão; eu fico.*

Faz-se um curto silêncio. Um soldado, alto e proporcionado, todo força, atravessa o grupo afastando os outros do seu caminho, dirige-se ao Capitão, pega nele ao colo, levanta-o sem dificuldade acima do ombro, e trá-lo afirmando em voz alta:

- Não, tu também vens connosco.

Nesta altura avancei, penetrei no grupo que já apoiava o gesto, dirigi-me ao soldado, e na sua frente, com voz firme ordenei:

- Põe o nosso capitão no chão!

O soldado obedeceu. Fez-se silêncio geral.

Estava ali, rodeado de soldados pretos, com um capitão meio fardado na minha frente.

Não eram meus subordinados directos, mas éramos todos militares portugueses.

Depois de uns momentos de silêncio e de mútua observação, de olhos nos olhos, tomei de novo a iniciativa:

- Vai já tudo pegar nas armas e ocupar os postos. Eu também fico cá.

Foi um delírio.

- Coronel também fica?

E todos fazem questão de me apertar a mão. Alguns abraçam-me. E, a correr, vão armar-se e ocupar os postos.

É que, momentos antes, o Capitão Beato tinha-me dado a conhecer que também a população civil estava preparada para acompanhar a coluna.

Estava organizada em pequenos grupos, por famílias, junto dos seus pertences, dando a entender que se preparavam para uma caminhada.

A sua capacidade de observação tinha furado a nossa discrição e o nosso segredo. O Régulo não precisava que eu lho dissesse para saber que ía regressar.

Consentir nisso era o abandono de uma povoação e de um quartel ao inimigo. Ao tomar a decisão, contrariando embora a missão que tinha recebido, estava certamente dentro do conceito de missão mais geral do Comando Chefe.

Por isso fiquei.

12. DIFICULDADES

De facto aquele ambiente não era agradável. A vida do quartel estava destroçada e as flagelações eram incómodas. Por outro lado, nós só *estávamos*. Era uma atitude demasiado passiva que agravava o estado de espírito.

Por tudo isso, a minha decisão não foi bem aceite pelo meu pessoal.

Os primeiros a manifestar o seu descontentamento foram os do bi-grupo de comandos. Não pertenciam a *Guidage*, não pertenciam a *Farim*, não eram tropa de quadrícula, e - o grande argumento - tinham um companheiro ferido, o soldado que pisara a mina, e eles queriam promover a sua evacuação de imediato, nem que fossem sós, e o transportassem em padiola.

É o Alferes Rocha que me vem dar conta deste estado de espírito do seu pelotão.

- ... e eu, meu Coronel, não sei se sou capaz de os conter.

- Eu não comando os seus homens. Eu comando os oficiais que enquadram os Grupos de Combate. É a si, Alferes Rocha, que eu ordeno que mantenha o seu Grupo de Combate no sector que lhe foi atribuído e garanta a segurança desse sector.

O Alferes Rocha, o ex-Aspirante tirocinante cheio de ideal e de devoção militar determinada, inteligente, percebeu que não era momento para mais uma conversa agradável e informal das que tantas vezes tivera comigo. Também não era tempo para tergiversações. Fez uma continência impecável e retirou-se com a maior correcção.

O bi-grupo não se manifestou mais. E eu confirmei que ele estava bem comandado.

Mas não foi só este problema. Vem a seguir o Furriel enfermeiro Fernandes que fora comigo de *Farim* e que se tinha mostrado um homem e um técnico formidável: atento, com bons conhecimentos de enfermagem, uma óptima formação moral, infundia confiança.

Cerca das 08.00 horas da manhã vem ter comigo, com ar grave:

- Meu Comandante, o soldado dos comandos que pisou a mina não pode ficar hoje aqui. Perdeu muito sangue, está com febre e eu não tenho competência técnica como também não tenho recursos materiais para fazer mais do que está feito. Mas assim ele não tem hipótese nenhuma e morre de certeza. Não me responsabilizo por este caso.

- Você responsabiliza-se por este e por todos os outros, dentro dos limites da sua capacidade. É isso que lhe exijo, e não mais do que isso.

Também este percebeu que a decisão estava tomada. Também ele se retirou correctamente.

Mas este problema abalou-me muito. E se o soldado comando morria por falta de melhor tratamento?

Era mais um *Se*, mas *Guidage* não podia ser abandonado ao inimigo.

Então... rezei pelo soldado comando, para que melhorasse.

E melhorou. Quando, no dia seguinte, perguntei ao Furriel enfermeiro este respondeu-me:

- *Meu Comandante, estou confuso. Palavra de honra que ontem não quis fazer chantagem com o caso. Disse ao meu Comandante exactamente o que se passava. Mas aconteceu que em lugar do agravamento progredir, regrediu. Não entendo nem sei explicar, mas hoje o nosso homem está melhor e julgo que livre de perigo.*

- *Graças a Deus*, disse eu em voz baixa só para mim.

Todavia os reflexos negativos da minha decisão não ficaram por aqui.

Pouco depois de a ter tomado é o Tenente Coronel Correia de Campos que me procura. Chegado ao pé de mim, deitou as mão às platinas , tirou os galões e estendeu-mos dizendo:

- *O meu Coronel tomou uma decisão sem me consultar, estando eu aqui e sendo eu o Comandante desta área. Aqui tem os meus galões, e com eles, entrego-lhe o comando do COP3.*

- *Bem, vamos lá a ver se ao menos nós, como mais responsáveis que somos, conservamos a cabeça fria e não aumentamos as dificuldades. Nem o Correia de Campos tem competência para nomear comandantes de Comandos Operacionais, nem eu interfeiri na sua área de responsabilidade: o senhor comanda o COP3 e eu comando uma coluna que aqui veio com uma missão definida. E essa coluna quem a comanda sou eu. Só a mim compete decidir sobre a sua marcha.*

Calou-se, voltou a enfiar os galões nas platinas e aceitou uma mensagem que eu havia redigido e que, a meu pedido, transmitiu ao Comando Chefe.

13. RECUPERAÇÃO

Era preciso pensar na alimentação do meu pessoal. Cada homem trouxera consigo três rações de combate. Uma tinha sido consumida e as outras duas tinham que ser guardadas para o regresso.

Falei com o Capitão Freitas. Este chamou o seu 1º Sargento.

- *Não temos nada, meu Coronel.*

- *Mas então, nem massa?*

- *Massa há, espargueti.*

- *Bem. E chouriço?*

- *Chouriço também. Mas não é preciso, porque carne arranja-se.*

- *Como?*

- *Há vacas na povoação que se compram com facilidade.*

Perante os modos do 1º Sargento, percebi o contrasenso: não tinham nada e havia quase tudo.

Pouco depois, a cozinha voltava a fumer! O cozinheiro, um soldado preto, da Companhia, estava radiante, e esmera-se naquele guisado de carne separado da massa.

Cerca das 12.00 horas, as praças comiam o seu almoço e, depois deles os sargentos e os oficiais ocuparam os seus refeitórios.

Eu, o Tenente Coronel Correia de Campos e o Capitão Beato fomos os últimos a chegar, porque tínhamos estado ocupados em questões operacionais.

Quando entramos no pequeno refeitório estavam completas as mesas junto da porta da entrada, e vagas as mais afastadas: é que se viesse outra flagelação...

Fomos ocupar a última, a mais afastada da saída.

Estava saborosíssimo o almoço! O forno tinha também funcionado com a farinha que tínhamos levado e havia pão fresco e ótimo!

Mostrei o meu agrado ao soldado que nos servira.

- *Já tens 18 valores. Para os 20 só falta um copinho de vinho. Mas não pode ser tudo, não é?*

E veio também o vinho. Abriram-se mais os rostos.

Findo o almoço interpelei de novo o rapaz do refeitório:

- *Gostava de dar um abraço ao cozinheiro. É que isto só não foi um almoço de hotel de 5 estrelas porque não podemos ter café.*

- *Também se arranja, meu Coronel.*

E veio o café.

- Rebestaste a escala, rapaz! 21 valores!

Por determinação recente os 2^{os} Comandantes dos Batalhões tinham recebido a incumbência de fazer a inspecção administrativa das Companhias. Ao meu 2^o Comandante tinha sido atribuído também a Companhia de *Guidage*, embora não pertencesse ao meu Sector.

Era missão que requeria certa preparação técnica e, do antecedente, sempre fora atribuída a oficiais do Serviço da Administração Militar. Não vem ao caso fazer considerações sobre tal determinação.

Uma vez que eu estava ali, porque também na altura não tinha 2^o Comandante (o Major Menezes tinha sido deslocado para o Sul...) resolvi poupar esforço a outros e tentar ajudar a recuperação daquela Companhia, através da referida inspecção.

Voltei a contactar o 1^o Sargento, depois de expor o meu propósito ao Comandante da Companhia e do COP3.

- Então como está a escrituração da Companhia?

- Está um pouco atrasada, meu Coronel. Os nossos 1^{os} morreram. Eu estava em Binta e fui chamado para aqui. Fiquei com o serviço dos dois. Os malandros dos “turras” começaram a flagelar. Caiu uma granada na Secretaria que provocou um incêndio. Foi em Novembro do ano passado. Ardeu tudo. Depois não escrevi ainda mais nada. Mas agora já tinha aqui esta G3. Anda sempre comigo, nunca a largo. E se eles aparecerem aqui mato-os todos. Todos!...

- Bem, mas quanto tempo precisa para pôr a escrituração em dia?

- Agora tenho a Secretaria mesmo ao pé da porta e a vala logo em frente. Já trabalho melhor. Se eles vierem salto logo para a vala e “ficam” todos. Mas se deixarem estar quatro horas sem flagelar, ponho tudo em ordem.

Não fiz mais perguntas. Estava tudo explicado: a falta de refeições inclusive. Um homem exausto, com a missão duplicada, naquele ambiente, a ordenar a escrituração, atrasada sete meses, em quatro horas!...

Mas não fora este o único caso de exaustão. Já antes do almoço o Capitão Freitas perguntara a um furriel que passava por nós, de espingarda na mão:

- Então o Pelotão de artilharia?

Soube que era aquele furriel que comandava o Pelotão, porque o alferes estava de licença na metrópole.

Interpelei-o também eu de imediato:

- *Pareceu-me que a partir das 02.00 horas da manhã, quando da segunda flagelação desta noite, a artilharia não respondeu, que foram só os morteiros. Porquê?*

- *Houve uma granada que caiu lá perto. Há tempos já lá tinha caído uma. Os soldados (eram todos pretos) disseram que já não queriam estar mais ali. Foram-se embora. Eu não fui capaz de os obrigar. Quando os “turras” flagelavam eu sozinho tinha que procurar o objectivo, ver os elementos de tiro... e carregar a... peça e... dis... pa... a... rar.*

E caí desmaiado.

Levantámo-lo, recuperou e fomos deitá-lo. Precisava de dormir. Os soldados já estavam nas peças e isso tranquilizou-o.

- *Pois é Freitas, temos que puxar por esta gente. Para já dar-lhes de comer. E ao mesmo tempo procurar a recuperação psicológica. Vamos começar por si?*

- *Por mim?*

- *Sim. Eu vi que você dormiu, se tanto, meia hora, no chão de cimento do posto rádio. Vai tomar banho, barbear-se, dormir um pouco e vestir uma camisa.*

- *Camisa... já não tenho.*

- *Ao menos uma camisola lavada.*

E assim fez.

Começou por aqui a recuperação do aspecto da Companhia. E porque nós estávamos com eles renasceu a força e a determinação.

14. SER OU NÃO SER *DELFIM*

Entretanto chegara a resposta de *Bissau* à minha mensagem: *coluna deve regressar imediatamente a Farim.*

Fiquei triste. Sacrifiquei-me e sacrifiquei o pessoal sob as minhas ordens a permanecer ali por uma razão que me pareceu indiscutível, e, pelo tom da resposta, fiquei a suspeitar de que em *Bissau* se pensava que, pelo contrário, eu reagia ao sabor de comodidades pessoais, ou até mesmo do medo, e não por espírito de missão.

Teria redigido mal a mensagem?, perguntei-me a mim mesmo. Reli-a. Em *relâmpago* não se devia ser mais prolixo, mas ali, naquela síntese, estava tudo.

Estudei de novo a situação. Nada me permitia tirar conclusões diferentes das que me levaram à decisão que tomara. Agora venceu mais essa decisão o compromisso que assumira perante todos.

À desobedecer, na certeza de que - em aparente contrasenso - estava dentro do conceito do escalão superior e, portanto, no mais estrito cumprimento da missão principal.

Para tentar esclarecer o Comando Chefe propus ao Tenente Coronel Correia de Campos que expusesse ele a situação e fizesse ver do interesse da minha permanência ali até que o COP3 pudesse fazer chegar a *Guidage* uma força que me substituísse.

A resposta veio de imediato: *autorizada a coluna a permanecer em Guidage até à chegada de outra força a organizar pelo próprio COP3.*

Se por um lado me retirou a carga de desobediência, por outro a resposta confirmou a minha suspeita quanto às suposições a meu respeito. Momentos duros que sofri calado. Eu não era do grupo dos *delfins*. Também não o pretendia ser.

Consolava-me a certeza íntima do acerto da minha decisão.

E engoli aquele *sapo vivo*.

15. FIDELIDADE

Em aditamento à referida autorização chegaram outros rádios do Comando Chefe. Num deles a 2ª Repartição (Informações) perguntava qual era o inimigo na área (...).

Noutro o General Comandante determinava:

- *Não autorizava nenhum habitante do Guidage a acompanhar a coluna quando esta regressasse, fosse civil ou militar.*
- *Todos que quisessem podiam passar para o Senegal. Os militares da Companhia que o desejassem fazer podiam ser licenciados de imediato, entregar as armas e o fardamento e passar ao Senegal.*

Aquela gente buscava segurança, mas não desejava mudar de bandeira.

Nem um só aceitou a oferta.

Foi uma atitude que dispensa comentários.

E nesse dia 10 de Maio, 5ª feira, *Guidage* sofreu mais três flagelações que provocaram dois feridos ligeiros.

16. OUTRO HERÓI ESQUECIDO

As flagelações foram-se repetindo, cada vez com mais eficácia, mas a vida interna ia-se recuperando. O Tenente Coronel Correia de Campos tomou as rédeas do seu Comando e difundia ordens para *Bigene* para organizar a força que iria para *Guidage*.

No decorrer das flagelações reparei que o Capitão Beato, logo que ouvia a primeira detonação saía para a parada do quartel e procurava localizar os pontos de queda das granadas. Logo que suspeitava de que alguma caíra onde havia pessoal aí estava ele a indagar das consequências. Por duas vezes carregou às costas, para a enfermaria, outros tantos feridos. Um deles era sargento e tinha sido atingido por um estilhaço que lhe cortara a veia femural. A pronta intervenção daquele *maqueiro* voluntário salvou-lhe a vida. Soubemo-lo porque observámos directa e pessoalmente o sucedido.

O Capitão Beato nunca comentava estas suas intervenções: generoso e corajoso, fiel à sua maneira de ser caracterizada pela modéstia, apanágio dos valorosos, gozava sozinho a suprema alegria do dever cumprido ao serviço de causa nobre.

Estes factos, as reais qualidades de comando e a competência tão sobejamente postas à prova não só durante a marcha da coluna mas já antes, no desempenho das suas funções de oficial de operações, foram por mim postas em relevo, mais tarde, com vista a apreciação superior e à concessão do justo prémio.

Ninguém negou os factos.

Ninguém pode minimizar os méritos apontados.

Mas, depois de ter sido considerado, ao que parece, merecedor da Medalha de Valor Militar, veio a ser apontado para a Cruz de Guerra de 1ª classe, depois de 3ª classe e... acabou por ser apenas louvado pelo Comandante Militar...

Injustiças dos Quartéis Gerais...

17. OS FUSOS

No dia 12, sábado, marcha de *Bigene* para *Guidage* uma Companhia de Fuzileiros Especiais, conforme planeamento e ordem do Comandante do COP3, Tenente Coronel Correia de Campos, que, com o seu oficial de operações - o Capitão Miliciano graduado Magalhães - , tinha estabelecido ali o seu Posto de Comando avançado.

Para facilitar a marcha dos *fusos* ordenei ao Alferes Rocha que, com o seu bi-grupo, reforçado com alguns elementos do Pelotão de *Cuntima*, peritos na detecção de minas por meios expeditos, abrissem a picada até *Cufeu* e dessem protecção sobretudo na passagem dessa zona. Nada há de especial a referir sob o aspecto operacional quanto a esta marcha.

De *Guidage* íamos seguindo o andamento das duas forças.

Se nenhuma contactasse o inimigo enquanto separadas, menos provável era que tal acontecesse depois de reunidas.

Mas a verdade é que todos fomos surpreendidos quando, do posto da sentinela fomos avisados de que estavam já à vista - muito antes do que era de esperar. Aqueles 10 Kms que separavam o local do encontro de *Guidage* foram calcuriados em tempo recorde.

E quando nos aproximávamos da entrada do aquartelamento para receber uns e outros, fomos ultrapassados pelas duas formações que marchavam a par, sob um calor escaldante, numa passada impressionante, para alcançar não sei que meta, que cada uma delas queria atingir primeiro.

Lado a lado os jovens e quase imberbes comandos e os espadaúdos, maduros e barbudos fuzileiros.

Iguaizinhos na força de ânimo, no brio e no pundonor.

Nenhum deles perdeu neste despique que nasceu expontâneamente sem nenhuma proposta.

Comandos e Fuzileiros!

Pena foi que, mal chegados, mais uma flagelação surgisse e esta bastante certa, que provocou logo um ferido nos fuzileiros recém-chegados.

A Companhia de Fuzileiros tinha um efectivo superior ao conjunto das forças sob o meu comando. Para além disso pertencia ao COP3. Outras forças estavam a ser preparadas para reforçar *Guidage*.

A guarnição e a população de *Guidage* observava e, por si, tomara conhecimento de tudo isso. Ganhava confiança e tranquilizava-se. A minha coluna podia preparar de imediato o regresso a *Farim* e cumprir a segunda parte da missão inicial que consistia na evacuação dos 25 feridos ali internados na enfermaria - único edifício que fora beneficiado com protecção passiva contra as granadas inimigas.

18. REGRESSO A *FARIM*

Decidi então que a coluna regressaria a *Farim* no dia seguinte, Domingo, 13 de Maio, devendo a testa ultrapassar o Ponto Inicial às 06.40 horas. Para não denunciar a partida as viaturas conservar-se-iam nos locais do parque, donde sairiam pela devida ordem para entrar na coluna e sem paragens.

O Capitão Beato detalhou esta ordem, numerou discretamente as viaturas, deu instruções aos chefes de viatura.

Reuni os Comandantes de Grupo de Combate para dar instruções de carácter operacional e administrativo.

Manter-se-ia o dispositivo que já tínhamos utilizado no dia 10, com tão bons resultados. As forças de flanco manter-se-iam, portanto, sempre convenientemente afastadas da picada. Eu regularia a distância das viaturas da testa ao escalão da picagem e exploração.

O pessoal levaria consigo a água necessária e as duas rações de combate que lhes sobejavam.

Na viatura da Secção de morteiros iriam uns bidões de água, de reserva, para o caso de sermos forçados a qualquer retardamento.

Sem prejuízo da segurança a marcha tinha que ser feita o mais rapidamente possível até *Binta*.

Ali daria novas instruções.

- *Alguma dúvida?*

- *Meu Comandante, o meu pessoal já não tem rações de combate*, disse um dos alferes.

- *Não tem? Porquê?*, perguntei com dureza.

- *Os meus também não*, vão dizendo os outros.

- *Mas eu ordenei que as guardassem!*

- *Pois, mas eles não resistiram: quando chegaram, viram o pessoal de cá com fome e... foram distribuindo. Foi por isso, meu Comandante.*

- *Foi sim, Comandante*, disse o Sitafá. *Eu, quando vi isso, tirei todas rações meu pessoal. Tenho todas guardadas. Eu já sabia que soldado ía dar mesmo e depois fazia falta nós.*

Mandei saber se no depósito da Companhia havia rações de combate. Resposta negativa. Podiam dispor apenas de pão. Aproveitou-se para reforçar as rações de combate que a previsão de Sitafá salvara e que foram divididas por todo o pessoal.

Era preciso arriscar: não podia ser a falta de alimentação o factor impeditivo do cumprimento da missão.

E se o inimigo não nos forçasse a retardamentos essa falta nem se faria sentir.

19. SITAFÁ

Ao cair da tarde do dia 12, voltaram a aparecer em *Guidage* civis senegaleses, já referidos atrás e tidos ali como visitantes amigos e já habituais.

O Sitafá, sempre atento, descobriu-os na povoação e seguiu-lhes os movimentos, de longe. Mas não se fechou comigo. Procurou-me discretamente e discretamente também me disse que precisava falar comigo.

- *Comandante, sempre vamos sair amanhã?*

- *Sim, ao romper do dia, mas não se diz nada ao pessoal agora. É preciso manter o segredo até o mais tarde possível, como já vos expliquei.*

- *Sim, Comandante. Meu pessoal não sabe nada. Tenho andado a ver e parece que ninguém desconfia ainda. Mas daqui a pouco pode desconfiar. E há sempre um que fala.*

- *Bem, se desconfiarem só depois de todo o pessoal estar recolhido, não chegará a notícia ao inimigo.*

- *Mas, Comandante, chegaram na povoação as visitas do Senegal.*

- *Costumam ser bem recebidos porque trazem notícias.*

- *Eu não acredito. Trazem mas também levam. Conheço dois e não acredito neles. De maneira, se Comandante quer mesmo sair amanhã, as visita não pode ir hoje no Senegal.*

- *Mas então?*

- *Não pode. Ficam cá hoje, toda a noite.*

- *Está bem. Vou tratar disso.*

Expus a conversa ao Tenente Coronel Correia de Campos, que compreendeu perfeitamente os meus receios. Levava feridos comigo e era do maior interesse que a coluna não fosse interceptada.

Demoraram-se os visitantes em conversa animada e regada. Quando se dispunham a sair apresentou-se-lhes uma qualquer impossibilidade.

À hora da partida o Sitafá aproximou-se de mim e segredou:

- *Não vai haver problema. Visita ainda estão na casa. E só sairão daqui a duas horas.*

- *Então vamos chegar a Farim sem novidade.*

E assim foi.

Viria a acontecer que, durante largo período, mais nenhuma coluna sairia de *Guidage* sem incidentes.

Mas nessa noite de 12 para 13 de Maio *Guidage* sofreria ainda quatro flagelações e a terceira faria dois mortos e três feridos.

20. CHÁ NO MATO

Conforme fora planeado, no dia 13 de Maio de 1973 às 06.40 horas, já depois de ter saído o grupo de segurança e picagem, as viaturas começaram a passar no Ponto Inicial, pela ordem marcada e com regularidade absoluta.

Foi adoptado o mesmo dispositivo. A marcha era cautelosa mas decorria com absoluta regularidade.

À medida que o sol se ía erguendo o calor ía apertando. O grau de humidade era também elevado e os dois factores provocaram abundantíssima transpiração.

Todos levaram o seu cantil de água mas não tardaria que os menos regrados o tivessem esgotado. Por isso repeti ao Comandante da Secção de morteiros, que ía na viatura que se seguia à minha, as medidas de restrição para fazer perdurar os dois bidões de reserva que íam a seu cargo.

O Cabo Neves, meu ordenança, tendo sido em *Farim* prevenido pelo médico de que eu tinha que tomar bastantes líquidos, procurara em *Guidage* refazer uma dotação de refrigerantes que eu lhe entregara e que reduzira a metade na primeira viagem. Mas *Guidage* não tinha refrigerantes, e o Neves já me tinha prevenido de qual o nível da minha dotação: três latas de sumo, que haviam de durar para toda a viagem. Fui suportando a sede até ao limite que me pareceu razoável, face às recomendações do médico. Ingeri algumas pastilhas de sal, para disfarçar, mas os resquícios de paludismo e a abundante transpiração clamavam por líquidos. Uma a uma bebi as três latas cada vez mais quentes, porque o calor vencia todos os cuidados do Neves em tentar conservá-las frescas.

Quando voltou a sede pedi ao Neves chá.

- *Chá, meu Comandante?*, perguntou o Alferes Costa, admirado.

Mas o Neves não se perturbou: vasou para o copo do cantil um pouco de água do mesmo e estendeu-mo.

Só não tinha nem o sabor nem o açúcar; mas a temperatura era a do chá, e eu bebi com os preceitos devidos.

O Alferes Costa serviu-se e o Neves ficou contente quando lhe pisquei o olho e lhe disse:

- *Está em boa temperatura.*

Já tínhamos ultrapassado *Ujeque e Cufeu*.

Entretanto o Alferes Pulido, Comandante de um dos Grupos da Companhia de Caçadores 14 em missão de guarda do flanco, surge da mata e aproxima-se da picada, com um cantil na mão.

Quando o vi interpelei-o:

- *Então, deixou os seus homens?*

Poeira e suor convidavam a desabotoar o vestuário; a preocupação do cumprimento da missão solicitava a atenção de todos para a observação constante da picada e da mata. E todos se empenhavam bem nisso. Natural era que as formalidades exteriores da compostura exigida aos militares fossem atenuadas ou até esquecidas.

Mas o Alferes Pulido, ao ser interpelado, instantâneamente toma a posição de sentido, faz a continência nos dois tempos regulamentares, e com um sorriso confiante responde:

- *Venho buscar água para um soldado do meu Grupo. Dá licença, meu Comandante?*

Enterneceu-me aquela atitude.

Era o símbolo da unidade daquela força que eu comandava.

Nem o que era tolerável foi quebrado.

Uma disciplina consciente unia-nos a todos.

21. INCIDENTE INESPERADO

Pouco depois o Alferes Costa informa-me que um meio aéreo está em contacto rádio com a coluna.

Queria saber onde estávamos, como decorria a marcha, qual a hora prevista para a chegada a *Binta* e a *Farim*.

Foram dadas as informações pedidas. Quanto à previsão da hora de chegada foi dada ao pormenor do minuto.

Com efeito já nada fazia prever que o inimigo viesse interferir.

Havíamos detectado várias minas montadas com um dispositivo eléctrico. Não se levantou nenhuma. Ficaram assinaladas para se proceder depois ao seu estudo. Poucos dias depois havíamos de concluir que se tratava de um processo que fazia funcionar a espoleta por acção da vara com que se picava o terreno: duas folhas de papel de alumínio ligadas cada uma delas a um fio condutor do sistema eléctrico, e separadas por uma ligeira camada de terra que fazia de dieléctrico; quando o ferrão da vara, ou a própria vara, furava os papéis, colocados sobre a mina e camuflados, fazia contactar as duas folhas e fechava assim o circuito, provocando o rebentamento da mina.

Sistema imaginoso, de certo, mas de montagem muito delicada, tornava a camuflagem muito difícil e perigosa, pelo que facilmente se detectava, e denunciava tratar-se do sistema novo que recomendava os cuidados especiais e as medidas de precaução que então ordenei.

Entretanto um soldado africano da Companhia de Caçadores 14 que seguia integrado numa das guardas do flanco, afastado portanto da picada, accionou uma mina anti-pessoal, perdida no meio da mata, que lhe esfacelou um pé.

Foi a nota dolorosa do dia: o rapaz gritava de dor, saltitando apoiado apenas num pé, em rodopios frenéticos de desespero.

Acorreu de pronto o Furriel enfermeiro Fernandes que o tratou e acalmou com a sua perícia, dedicação e humanidade.

Baila-me nos olhos, de vez em quando, este quadro que tanto me entristece ainda: um homem em plena força da vida, diminuído para sempre por um acidente traiçoeiro.

22. AS MILÍCIAS

Às 13.15 horas o escalão de segurança à frente contacta com o grupo de *Binta* que tinha feito a picagem de itinerário desde aquela povoação. Estávamos dentro do nosso Sector.

O grau de tensão do pessoal baixou.

Estávamos em casa, e os camaradas que nos aguardavam também com ansiedade, prestavam-nos o auxílio precioso de abrir o itinerário e garantir a segurança do mesmo.

Era visível a alegria de todos, os que estavam e os que chegavam.

A *família* de *Farim* reencontrava-se depois da cumprida missão espinhosa.

Houve abraços aqui e ali, mas nem o dispositivo foi alterado por um só momento nem a vigilância negligenciada. Alegria e descontração mas nem por um momento a missão foi esquecida.

Foi para mim um momento alto de emoção. Consolações que chegam para quem comanda.

Havia de repetir-se esta emotividade um pouco mais tarde já na estrada de *Binta* para *Farim* quando aconteceu semelhante encontro com as milícias.

As milícias de *Farim*, que eram contratadas apenas para protecção às populações, tinham orgulho em participar em acções militares e briosamente procuravam preparação que não as deixasse envergonhadas em confronto com forças regulares do Exército.

Eram peritos na picagem dos itinerários, sóbrios, sempre prontos. Autênticos camaradas de armas, disciplinados, de extrema dedicação.

O Comandante da Companhia fez questão de me vir cumprimentar e informar que o itinerário até *Farim* estava em absoluta segurança. Acreditei, porque conhecia bem o terreno onde estava e tinha a certeza de que, com aquela afirmação, o Comandante queria dizer que todos os cuidados do antecedente recomendados para aquelas acções tinham sido tomados.

Estendi-lhe a mão, forte, mas li-lhe nos olhos que não chegava.

Quando lhe abri os braços, estreitou-me com força. Trocámos o suor do peito.

- *Tudo bem, Comandante?*

- *Tudo bem.*

Tal como tinha previsto e dado a conhecer ao interlocutor do avião, às 13.50 horas estávamos em *Farim*.

23. FESTA À CHEGADA

Mal chegada aos subúrbios de *Farim* a coluna começou a ser envolvida em manifestações de alegria da população local - civis e os poucos militares que lá tinham ficado - que criaram espontaneamente um ambiente de festa.

Mas a missão não estava ainda terminada. O avião não tardaria e era necessário tirar e preparar os feridos trazidos de *Guidage* com vista à evacuação para *Bissau* dos que de tal carecessem.

Não foi difícil organizar as coisas, em virtude da disciplinada dedicação do pessoal do Serviço de Saúde - médicos e enfermeiros já a postos - e do respeitoso comportamento dos civis que envolviam a coluna.

E foi assim que pude observar a extraordinária eficiência do Tenente Miliciano médico Carvalho, o metódico procedimento adoptado e o disciplinado empenhamento dos enfermeiros.

Na altura interessou-me especialmente o estado do 1º Cabo comando Filipe da Conceição Tavares, o homem da corneta que pisara uma mina no movimento para *Guidage*.

Espantosa coragem! Um pé esfacelado não beliscara aquela alma generosa! Percebendo a nossa preocupação quis aliviar-nos e, sorrindo, garantia que tudo estava bem. Para o testemunhar tocava umas árias de música ligeira portuguesa numa gaita de beijos que alguém lhe emprestara.

Depois de evacuados os feridos para *Bissau*, à hora prevista, sentei-me com o Capitão Beato na varanda do edifício da messe, numa daquelas cadeiras de baloiço feitas pelos militares com as aduelas das pipas. Sempre as achei cómodas, mas naquele dia, àquela hora, eram mesmo reconfortantes.

O 1º Cabo Portulato, responsável pelo bar, insistira connosco que tomássemos um banho que preparara por sua iniciativa, e que decerto precisaríamos comer.

- Obrigado, Portulato. Agora sabe-nos bem olhar daqui o rio; e se nos trouxeres um refresco...

Não deixou terminar e volta logo de seguida com uma qualquer bebida de que não me recordo. Talvez a groselha, a que nos tínhamos habituado em *Guidage* por não haver outra.

Logo após, uma surpresa: três rebentamentos na outra margem, perto do aquartelamento de *Saliquinhedim* ou *K3* como era conhecido na gíria local.

Foi o alvoroço. Logo se concluiu tratar-se de flagelação do inimigo. Desde que o Batalhão estava na zona nunca tal tinha acontecido. A reacção não se fez esperar, automática, conforme o que estava planeado.

Eu e o Capitão Beato mantivemo-nos sentados, tomando o refresco.

- Olha os gajos! Não se atreveram connosco no caminho e tentam fazer ali uma picardia.

- Mas nem acertam, meu Comandante. Uma flagelação de três granaditas nem é flagelação.

O Capitão Rodrigues, Comandante da Companhia de Caçadores 14, que ainda se sentia responsável pelo Comando de *Farim* que assumira na minha ausência, veio pouco depois explicar o que se passava: uma acção esporádica do inimigo, curta e receosa, sem consequências.

E retomou-se a actividade normal, de vigilante tranquilidade.